

MINHA EXPERIÊNCIA SOBRE ARQUITETURA

Teru Tamaki¹

Tamaki, T. Minha Experiência sobre Arquitetura. Revista Assentamentos Humanos, Marília, v3, n. 2, p39-48, 2001.

Palestra proferida por ocasião da 5ª Semana de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Engenharia e Arquitetura - UNIMAR.

Após três décadas de vivência com os problemas pertinentes à arquitetura e à estrutura urbana, e, após duas décadas de convivência com os problemas didáticos do ensino e da pesquisa, alguma experiência deve ter sobrado para justificar aqui a minha presença.

No trabalho de escritório, individual ou em equipe, vários projetos foram elaborados, e sobre diversos programas funcionais: hospital, clube recreativo, estação de tratamento de água, teatro de

¹ Arquiteto e Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU-USP.



comédia, teatro de ópera, auditório, estação de passageiro de rede ferroviária, prédio residencial uni e multi-familiar, asilo de velho, escola de primeiro e segundo grau, escola universitária, hospital-escola, urbanização, igreja, templo, loja comercial, agência bancária, edifício de serviço público, hotel, mural, escultura, etc.

No trabalho de escola (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie - 1973/1986 - e - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - 1987/1999) muitos problemas do ensino e da pesquisa foram objeto de constante preocupação. Observar os problemas teóricos e práticos da arquitetura, e apreender a diversidade e complexidade de suas resoluções na prancheta do atelier, ao lado de cada aluno de graduação, tem sido um convívio agradável e produtivo.

Convidado pelo coordenador do Curso de Arquitetura, prof Renato Leão Rego, para participar da Semana de Arquitetura e Urbanismo da UNIMAR, é um prazer aceitar, e fico muito agradecido.

Cumprimentando e felicitando os professores e os alunos de graduação desta Universidade, peço vênia para expor alguns conceitos pessoais sobre alguns problemas da arquitetura:

- problemas da estruturação do objeto,
- problemas de estética e de estilo,
- problemas da forma e da função,
- problemas da habitação popular,
- problemas filosóficos da arquitetura.

PROBLEMAS DA ESTRUTURAÇÃO DO OBJETO

Nos primeiros anos do exercício profissional apanhava bastante, fato muito normal, quando iniciava um estudo preliminar, ao ordenar os espaços de um programa, orientados por um fluxograma, e prosseguindo o estudo com cortes, elevações, etc. para concluir o estudo. Cuidava da implantação, dos recuos, da vizinhança, da insolação, iluminação, ventilação, forma, estética, beleza, movimento de terra, acessos, etc.

Na etapa seguinte, após a revisão do estudo preliminar ou anteprojeto, para elaboração do projeto pré-executivo, em reunião com a equipe de estrutura e de instalações hidráulica e elétrica, na maioria das vezes, analisávamos o anteprojeto arquitetônico e as interferências dos pré-projetos de estrutura, de hidráulica e de eletricidade que seriam elaborados para uma primeira aproximação de compatibilização de todos os projetos executivos, que seriam elaborados na etapa final.

Com o engenheiro estrutural estudava qual o melhor sistema de distribuição das cargas do edifício em projeto, melhor posicionamento dos pilares de sustentação, adequação do sistema de vigas, etc. Dessa reunião resultava uma solução de fôrmas de concreto racionalizada, muitas vezes com modulação, e que demandava um remanejamento do anteprojeto de arquitetura, para garantir uma limpeza de solução estrutural.

Em pouco tempo percebia que o método de projetar que aprendi na escola não se harmonizava com a realidade fora da escola. Projetos acadêmicos e projetos de execução de obras têm seus métodos próprios.

Isto acontecia trinta anos atrás. Hoje os dados são outros.

O método que passou a prevalecer, para conceber o espaço do estudo preliminar, é o método que parte do

sistema estrutural, como premissa de raciocínio lógico, i.e., imaginar um sistema estrutural de sustentação no qual se antevêm os espaços ambientais do programa, o equilíbrio de volume do conjunto e sua expressão estética inseridos no terreno e na paisagem urbana.

A definição do sistema estrutural, no partido arquitetônico, é o princípio básico para resolver os problemas do objeto arquitetônico, e esta observação vale para todos os períodos da história da arquitetura ocidental e oriental.

O sistema estrutural, o arcabouço de sustentação, o esqueleto de concreto ou aço, tem um vigor poderoso para moldar a forma e conduzir o raciocínio para concluir a expressão estética. Nestas condições, os materiais complementares de revestimento e acabamento simplesmente reafirmam o poder da estrutura como elemento condutor para a criação estética.

Olhando para as edificações do passado, podemos verificar que o sistema estrutural da arquitetura greco-romana, concebido com colunas dóricas, jônicas e coríntias, unidas no topo pelas vigas maciças de mármore ou granito, denominadas arquitraves resolve três problemas: - o problema da estrutura de sustentação, do espaço ambiental, da expressão estética do objeto. Os demais materiais construtivos e de acabamento completam a obra, reforçando a presença do sistema estrutural, como linha condutora da construção estética da arquitetura greco-romana, tanto nos ambientes interiores como nas elevações externas.

Foram mil anos de arquitetura clássica da antiguidade.

A Idade Média conserva como importantes obras históricas as de estilo romântico e estilo gótico. A estrutura da arquitetura romântica se compõe basicamente de colunas que terminam em abóbadas e cúpulas e esse conjunto construtivo define o espaço, a forma, a estética das abadias, dos mosteiros, das catedrais.

A arquitetura gótica, sucessora do românico, mais aprimorada, de pedra aparelhada e polida, ricamente esculpida, com arcos ogivais, tem sua estrutura de sustentação, por fora e por dentro, a grandiosidade e a imponência do poderio da elite dominante, na eloquência do espaço monumental. Toda essa estrutura define com clareza a intenção funcional, formal e plástica.

Mais mil anos de arquitetura da Idade Média.

Vem em seguida o Renascimento, a redescoberta dos conhecimentos clássicos greco-romanos, pagãos, guardados nos baús escondidos nos porões dos mosteiros europeus, ou guardados fora da Europa.

Observam-se nas edificações do Renascimento, como também em seguida, nas obras do Barroco e do Neoclássico o mesmo princípio de estruturação da edificação, ressaltando a importância do sistema estrutural para organizar o espaço, a forma, a expressão estética.

Dessas observações, na estrutura da arquitetura do passado, pode-se entender quanto foi importante esse conceito técnico e estético da arquitetura de todos os tempos, e inclusive, da arquitetura moderna, ao longo de todo o século XX.

Durante o século XX, a verticalização dos edifícios de escritório, de habitação, de hotel, de internação hospitalar, devido à introdução dos elevadores na arquitetura e da estrutura de concreto armado e de aço, evidenciou ainda mais a importância do sistema estrutural.

A revolução industrial deu origem à arquitetura industrial dos pavilhões, cuja estrutura de sustentação e sua cobertura definem a obra necessária, nas suas devidas épocas históricas. As ferrovias do século passado e do início deste século contem, ao longo das vias, as estações de passageiros, estruturadas com aço, e ilustraram a riqueza da arquitetura das estações, e na suas belezas visuais, a presença constante do sistema estrutural, observando-se que muitas destas estações



estão tombadas como patrimônio histórico e cultural, em vários países do mundo.

Observem as obras dos mestres modernistas: Wright, Corbusier, Niemeyer, Mies Van der Rohe.

Oscar, em quase todos os seus projetos, propõe um sistema estrutural de sustentação, que se prolonga na cobertura, define o volume, organiza o espaço interno, e culmina com a expressão estética. É um processo de análise e síntese simultâneo, no ato de projetar, e valorizando sobremaneira a plástica do objeto, muito próprio dele, um dos maiores arquitetos plásticos de todos os tempos.

Por exemplo, nas suas últimas obras, o centro cultural da Barra Funda e o Museu de Arte do Rio de Janeiro, o sistema estrutural resolve aqueles três problemas.: estrutura, forma, estética. As colunas curvas da Catedral de Brasília são outro exemplo!

Sem mais prolongamentos, podemos concluir que um dos segredos do arquiteto de todos os tempos é saber estruturar, saber intuir formas e espaços sobre vastos conhecimentos técnicos e estruturais, e em seguida dar vôos na imaginação criadora para os grandes lances da criação arquitetônica.

Bem sabemos que todas as coisas do mundo têm estrutura: os animais, os vegetais, o vento, um rio, um ovo, um romance, uma escada, uma mesa, urna cadeira, um automóvel, uma sinfonia, uma flor, um sapato, uma folha de papel, um discurso. Tudo tem estrutura.

Nestas circunstâncias, poderíamos lembrar os estudantes de arquitetura desta Universidade que, quanto mais se aprimorarem nos conhecimentos dos sistemas estruturais e construtivos da arquitetura, melhores serão os resultados perseguidos, e mais ricas as soluções estéticas decorrentes.

PROBLEMAS DE ESTÉTICA E DE ESTILO

As soluções estéticas decorrem das soluções estruturais, observadas na arquitetura clássica greco-romana, no imponente estilo gótico, ou nos modernos arranha-céus de concreto e aço, como os edifícios de Mies Van der Rohe. Entretanto, essa regra não é geral e nem única.

Le Corbusier tratou da construção da estética na Capela de Ronchamp com grossas paredes e janelas irregulares, valorizando os raios de luz para iluminar o recinto religioso, e sua estrutura de sustentação ficou relegada a um segundo plano de importância construtiva.

Le Corbusier, propôs o uso do Modulor na arquitetura, e utilizou o Modulor em vários de seus projetos, entretanto, nesta pequena igreja, tomou outro caminho para conceber esse belo projeto! Uma obra prima! A exceção serve para confirmar a regra geral!

A casa da cascata de Frank Lloyd Wright é outra obra prima, um excelente projeto. A composição de formas e volumes sobre a água corrente é um arrojo estrutural muito bem arquitetado por um arquiteto que, antes de mais nada, foi estudante de engenharia, e sabia calcular estrutura muito bem.

A estética é expressão valiosa e importante em tudo o que é feito pela mão humana.

A estética nas obras arquitetônicas é identificada e representada pelos estilos de época, ao longo da história: estilo clássico greco-romano, estilo romântico, estilo gótico, estilo renascentista, estilo barroco, estilo rococó, estilo neoclássico, estilo eclético, estilo moderno.

Estética ou estilo?

Eis uma pergunta. Dois termos ligados ao conceito de beleza.

Estética é a ciência do belo, assim como a lógica é a ciência da verdade e a moral é a ciência do bem.

A estética geral e teórica estuda a beleza, a sua essência e o seu efeito em nós.

A estética particular, especial ou aplicada, trata das diversas artes em particular, a maneira de exprimir a beleza sob certas formas sensíveis.

Na arquitetura, a maneira de exprimir a beleza, expressão estética, é resolvida pelo volume e sua forma, pela estrutura, pelos materiais de acabamento, pelas cores, pelas aberturas, pelos detalhes construtivos, e também pelos ornamentos e decorações de vários períodos históricos.

Estilo da época é a face cultural do gosto, da ideologia, da moda, até onde chegam as técnicas apreendidas e onde começa a técnica pessoal, a forma viva.

Estilo moderno é a face cultural do gosto do Século vinte. Carrega todo o poder de desenvolvimento da revolução industrial e tira partido da tecnologia para encontrar novos componentes no espaço, como os lobbies dos hotéis e shoppings centers com vazios de pé direito alto, escadas rolantes, áreas de conforto ambiental e jardins, formando uma praça de encontro e lazer no lugar dos antigos saguãos do início do século e do Século passado. Os arranhe-céus, as cidades subterrâneas, as estações de metrô, são produtos conseqüentes da revolução industrial, de novos materiais, e também do desenvolvimento da tecnologia, que possibilitou as inovações, abrindo caminho para uma vasta variedade de edificação arquitetônica, resultando no estilo moderno, ou estilo século XX, diferente dos estilos anteriores.

Outro problema do estilo, atualmente, é quanto as palavras moderno, pós-moderno e de construção, como estilos de arquitetura, sugerindo silenciosamente que cada arquiteto, ao fazer o seu projeto, defina com clareza qual o seu estilo.

Oscar Niemeyer define com clareza o seu estilo. O mesmo faz o arquiteto Peter Eisenman com seu desconstrutivismo. Mário Botta se conjuga com o estilo pós-moderno. O museu Pompidou recebe o

nome de high tech.

Devemos nos lembrar que as modas passam e as obras permanecem. Os estilos morrem. Porém a estética é permanente, nunca sai fora de moda, não envelhece, não cansa. A beleza da Natureza é a prova secular desta verdade estética. A Natureza não precisa de estilos ou modismos para buscar a beleza. O pôr do sol, o canto do bem-te-vi, o vôo da gaivota são obras da natureza de beleza permanente, e nos ensina a conhecer os valores universais da beleza.

Os modismos estilísticos particulares passam. Os valores estéticos universais permanecem e compõem as obras de arte.

O projeto de arquitetura deve ir ao encontro da beleza através dos conhecimentos de estética e não de estilo.

As obras de arte, na literatura, na pintura, na escultura, na música, na coreografia, no cinema e na arquitetura, têm seu mérito pelo valor estético que suporta, não pelo estilo que exhibe.

As obras de arte, que perduram e atravessam os séculos, valem pelo conteúdo universal de estética, como o Partenon de Atenas, a Vênus de Milo, Aída de Verdi, a 5ª sinfonia de Beethoven, os Lusíadas de Camões, e nunca pelos estilos que carregam de suas épocas de elaboração.

É pelo valor estético musical que ouvimos Mozart, e não pelo estilo de seu tempo!

Desta forma de observação os estudantes de arquitetura podem dedicar atenção nos conceitos universais de arte, sem estilos ou estilizações, e procurar nos seus projetos a expressão estética apoiada na cultura de nossa época.

O surrealismo de Marc Chagall, o gótico da catedral de Notre Dame de Paris, o romantismo de Schubert são obras de arte que valem pelo valor estético de suas criações, não pelos estilos que se substituem com o tempo!

As obras do arquiteto Mário Botta são obras de arte pelo grau apurado de

estética, de bom gosto, de equilíbrio, de ritmo, de harmonia, e não pelo estilo pós-moderno.

Os conceitos do pós-moderno e do desconstrutivismo, na arquitetura, são ferramentas em mãos hábeis para determinar um caminho a ser percorrido pelo intelecto e pelo livre-arbítrio, mas o fim colimado, não se prende a valorizar ou enaltecer o estilo, mas sim, buscar uma nova estética e que emocione o observador. Não existe a palavra final na arte.

Por outro lado, as obras de arte são dialéticas.

E todos sabem que a criação não tem limites.

É bom lembrar que o juízo de valor deve ser cuidadoso.

O juízo de valor estético nas obras de arte não deve por o belo no objeto, mas apenas na reflexão que o objeto suscita - como nos adverte o filósofo Immanuel Kant.

PROBLEMAS DA FORMA E DA FUNÇÃO

Durante o século XX muitos edifícios, novos e antigos, são reciclados para outros usos funcionais, diferentes dos originais.

Casas, sobrados, casarões, armazéns, estações ferroviárias, fábricas antigas, etc. são reformados para funções novas como clínicas médicas, escritórios, supermercados, centros de compra, centros culturais, museus, etc.

Observa-se que, quando os edifícios reciclados tem algum valor econômico, cultural ou histórico, conserva-se a forma e muda-se a função. Esta reciclagem acontece, de um modo geral, pela mudança de uso e ocupação do solo urbano, pela conurbação, como por exemplo, pela mudança de vocação de bairros residenciais próximos aos centros das cidades em fase de crescimento e expansão.

Essa mudança pode provocar revisão do sistema viário, sistema de infraestrutura, comunicação, transporte, etc.

Sabemos que na atualidade a reciclagem dos lay-outs dos grandes escritórios, laboratórios, das indústrias em geral, dos bancos, é unia constante.

Os projetos de arquitetura do século XX - estilo moderno - agrega o conceito de estrutura independente, exatamente também, para permitir facilidade de remanejamento das subdivisões funcionais de seu interior.

É observado que a forma permanece e a função muda ou pode mudar a qualquer momento.

O que é mais importante como prioridade - a forma ou a função?

Essa pergunta dicotômica deu origem a dois grupos de raciocínio.

Há arquitetos que defendem a importância da forma na arquitetura. São os formalistas, poetas da escultura arquitetônica; daí o formalismo.

Há arquitetos que defendem a importância da função da arquitetura sendo a forma uma decorrência da função. São os funcionalistas, cartesianos, pragmáticos. Daí surge o estilo internacional, o funcionalismo.

Quando se elabora um projeto de arquitetura o que se visa cumprir é o programa da obra, a função da edificação: hospital, fábrica, laboratório, escola, igreja, clube, residência, teatro, hotel, etc.

A função é a base necessária para a criação da obra arquitetônica!

Entretanto a arquitetura é também uma das artes plásticas da criação humana. Pertence à família das belas artes!

A forma/função da arquitetura como arte abre discussão dialética.

Os formalistas dão muita importância à expressão estética formal do objeto na paisagem urbana. Oscar Niemeyer é o seu maior representante na segunda metade do século XX.

Por outro lado, enquanto se consolida a arquitetura moderna, já com tradição clássica-modernista, com Wright, Mies, Neutra, Tange, Corbu, Saarinen, e outros mestres do modernismo, surge o movimento formalista dos desconstrutivistas, movimento que rompe a linha clássica-modernista, tendo à frente os arquitetos rebeldes Peter Eisenman, Em Koolhaas, Frank Gehry, Zaha Hadid, David Libeskind, Bernard Tschumi, etc. questionando o conceito de função, iniciado pelo pós-modernismo, resultando como consequência a busca do refinamento da expressão dinâmica da forma através da distorção do objeto moderno. A forma segue a deformação, e rompe com a percepção habitual das formas e do espaço, incluindo o fragmentário, o não totalizado, a idéia do inacabado, evidenciando os conflitos.

E numa posição intermediária, entre os grupos modernistas e desconstrutivistas, estão os chamados pós-modernos, neo-modernos, que recuperam na forma algo perdido ou eliminado pelos modernistas, e que são os ornamentos, os detalhes de embelezamento de cantos e contornos de acabamentos de pisos, paredes, tetos, coberturas, usos e abusos de pormenores para enriquecimento estético do objeto arquitetônico, e assim poder dialogar com o usuário, dando ênfase na linguagem, recuperando o valor simbólico, com fé na tradição, tendo o neoclássico como referência, fazendo uma revisão crítica do postulado de que a forma segue a função a função muda e a forma permanece.

A forma estética na arquitetura é um problema dialético, desde os tempos antigos. Desde as colunas dóricas, jônicas e coríntias do tempo de Sócrates.

O objetivo do arquiteto é buscar a beleza em sua obra! Até nos castelos medievais, verdadeiras fortalezas de segurança máxima, com suas muralhas de proteção dos invasores, as suas funções de segurança são fundamentais, entretanto, aí também os arquitetos se preocupam com a estética formal! Aqueles

belos castelos, reciclados nas suas funções, abrigam atualmente museus, restaurantes, hotéis, etc.

A forma e a estética permanecem, a função muda ou pode mudar.

Essa dicotomia é um problema cultural. É um problema dialético que o arquiteto enfrenta e deve superar!

Como dizia Goethe: pensamos em base lógica e sentimos em base emotiva!

PROBLEMAS DA HABITAÇÃO POPULAR

Ao lado dos problemas de saúde, alimentação, educação, trabalho, saneamento básico, distribuição de renda, transporte público, há o secular problema da habitação popular, especificamente nas camadas mais rasas da pirâmide social, em todos os países do terceiro mundo.

Por outro lado, a curva crescente da população mundial e nacional sinaliza demanda de milhões de unidades habitacionais, hoje e no futuro próximo.

A consciência humana não admitirá postergação da solução dos problemas das favelas, palafitas, casebres, cabanas, tendas, choças, aldeias e cortiços sobre terrenos alagadiços, encharcados, ao lado de córregos poluídos ou pendurados nas encostas de morros não urbanizados, que acontecem nas grandes cidades do terceiro mundo.

O problema da habitação popular é muito complexo e suporta raízes culturais, históricas, governamentais, educacionais, econômicas, políticas, religiosas, etc.

O velho problema da habitação popular, ao mesmo tempo sempre novo ou renovado, é também de natureza arquitetônica, e cabe discutir no espaço da escola uma possibilidade de resposta ao problema da célula mínima de habitação - a cesta básica de morar, para todo o território brasileiro.

O projeto da habitação popular, sob o ângulo da construção funcional, material, volumétrica e econômica, deverá ser um protótipo racionalizado, produzível em série industrial, e de baixo custo.

As unidades de habitação popular, construídas ao longo da segunda metade do século vinte, são de um sistema construtivo primitivo, irracional, e muito caro para o necessitado comprador.

As casas populares erguidas no Estado de S. Paulo, de alvenaria de tijolos ou blocos de concreto, com telhados de madeira e telhas de cerâmica, utilizam muito material e produzem muito desperdício, somam superposições de mão de obra e encarecem o preço final da obra, e pesam uma tonelada por metro quadrado de projeção. Por ter um custo muito elevado, não tem resolvido o problema, cuja demanda é da ordem de 10 a 15 milhões de unidades habitacionais em todo o país.

Esse problema pode ser agendado como trabalho curricular de graduação nas faculdades de arquitetura.

O protótipo para viabilizar o problema deverá ter seu custo final entre 3 e 6 mil dólares, amortizável nos prazos de 10 a 30 anos, e resultando prestação mensal em torno de 30 a 50 dólares. De início terá uma área útil coberta fechada entre 25m² e 30m².

Sabemos que o automóvel, o fogão, a geladeira tinham um custo muito elevado na primeira geração desses produtos.

Passadas algumas décadas, diante da maciça produção industrial, robotizada, globalizada, seus custos se tornaram populares.

Com a velocidade com que se renovam os meios de produção industrial, devido ao aperfeiçoamento constante da tecnologia, é fácil imaginar da possibilidade de industrializar componentes dos módulos de habitação popular, e sendo um objeto muito menos sofisticado que um automóvel compacto, deverá certamente ser também de um custo bem menor em relação ao

veículo referido. Havendo uma produção em grande escala, muito maior que da indústria automobilística, e uma demanda de mercado garantido, poderá ser um sucesso imobiliário, jamais observado na história da civilização!

Senzalas e mocambos do passado, favelas e cortiços do presente são problemas sociais que sensibilizam o arquiteto, e sua solução depende do esforço coletivo da sociedade.

Pensando nesse problema, acabei escrevendo um ensaio sobre o protótipo, denominado "Sujeito/Objeto na Arquitetura - A cesta básica de morar".

PROBLEMAS FILOSÓFICOS NA ARQUITETURA

Problemas filosóficos existem em todas as disciplinas.

Na medicina há o velho problema da eutanásia. Na atualidade há o problema da clonagem e do aborto. No direito o problema da pena de morte continua em pauta. O problema da penitenciária, do estupro, do seqüestro, ainda não encontrou solução. Há uma infinidade de problemas, e sabemos disso.

Na arquitetura também há problemas.

O que é a arquitetura, o objeto arquitetônico, o edifício construído

No âmbito da arquitetura, como disciplina, e também no cultural é uma construção e pode ser uma obra de arte, desde que preencha certos requisitos culturais. Sua necessidade é conhecida.

Na relação e na cogitação do objeto cognoscível, diante do sujeito cognoscente, esse objeto pode ser problematizado simplesmente como uma vestimenta, uma roupagem para proteção biológica e psicológica do ser humano, salvaguardando das intempéries locais.

O ser humano nasce, cresce, reproduz, envelhece, morre no espaço com os pés no chão! Desde o tempo das

cavernas! 200 mil anos! ou mais!

O ser humano primitivo, da pedra lascada, utilizava sua pele nua como elemento de proteção, depois, descobriu a pele de animal para se proteger contra os rigores do inverno, e depois descobriu o abrigo de materiais rústicos para se proteger contra as intempéries de toda espécie: poeira, vento, chuva, neve, calor, frio, umidade, ruído, etc. Descobriu um abrigo bem maior que seu corpo, onde cabiam toda a sua família e seus apetrechos. Havia descoberto a arquitetura.

Na atualidade a arquitetura é o edifício em cujo interior alguma ação humana é praticada: dormir, rezar, hospitalizar, ensinar, trabalhar, armazenar, esperar, negociar, conviver, divertir, alimentar, etc. Esse edifício faz o papel de proteção corporal, organiza um micro clima espacial e arquitetônico para as atividades do ser humano. Representa uma roupagem, um agasalho de proteção.

Essa roupagem é necessária e fundamental.

Neste contexto de raciocínio observa-se que a arquitetura e também o arquiteto são elementos necessários para a sociedade humana.

Há um problema que consiste como justificar certos atributos da arquitetura, da barroca, por exemplo. Aquelas decorações de luxo, aqueles ornamentos folheados com ouro, etc. Seria um desvio da finalidade da arquitetura?

A arquitetura deve ser tratada como as jóias de pessoas de posse? O ser humano necessita de luxos? Em que sentido? A arquitetura se destina ao luxo ou ao ser humano? Aquela roupagem de proteção deve ser revestida com lâminas de ouro?

A beleza da natureza e a beleza das obras de arte são fundamentais no ideal de vida racional.

Não confundir beleza com luxo. O luxo é coisa diferente, talvez um desvio da inteligência humana!

A arquitetura deve ser funcional, cômoda, simpática, bonita. O que mais? Pode ser muita coisa mais. Cabe a cada um de vocês prosseguir, indagar, questionar, replicar, pensar, sonhar, filosofar!

Todos os seres do planeta tem o direito natural de viver e ser respeitado, de beber, dormir, acordar, comer, respirar o ar, tomar banho de sol, andar sobre a terra, e também tem todo o direito natural de morar, de habitar.

A unidade de habitação, roupagem de proteção, cesta básica mínima de morar, sem luxo, sem lâminas de ouro, é um direito legítimo do cidadão de classe pobre?

O direito natural de viver implica no direito natural de morar, habitar!

A arquitetura teve um ponto de partida, um começo, na era paleolítica. A arquitetura, quiçá, algum dia, terá um ponto de chegada!

- como técnica utilitária funcional;
- como arte arquitetônica, objeto de expressão da beleza
- ou, quiçá, como técnica e como arte de viver

ESTUDANTES E COMPANHEIROS!

O arquiteto acumula experiências, é empírico; raciocina com idéias, é racional; associa experiências com idéias, é intelectual; problematiza de forma abstrata, é dialético; formula idéias, é idealista; procura a beleza, é criador, - e com seus conhecimentos procura decodificar as necessidades sociais, procurando soluções para uma vida cada vez melhor.

A obra arquitetônica é um bem cultural, real, sensível, valioso, utilitário, experimental, lógico, dialético, e necessário para o progresso da civilização humana.

A arquitetura, solucionando os problemas estruturais, progride para melhores desempenhos funcionais do

espaço utilitário.

A arquitetura, discutindo problemas de estética e de estilo, procura soluções para um bem cultural, que propiciem conforto estético e visual.

A arquitetura, resolvendo seus problemas de forma e de função, propõe soluções visando um bem comum no espaço urbano.

A arquitetura, problematizando os problemas da habitação popular, avança mais alguns passos para vislumbrar solução da cesta básica de morar.

A arquitetura, como problema filosófico, deve ter o cuidado de evitar distorção de sua nobre finalidade social e humana.

FINALIZANDO, desejo aos estudantes desta Escola muita prosperidade nos estudos e nas pesquisas, e, na vida prática, muito sucesso na importante disciplina profissional da arquitetura, a técnica de construir e a arte de conceber, ou como escreveu J.C. Moreux: "a arte de construir sob o signo da beleza".

São Paulo, 5 de maio de 1999.
Teru Tamaki